

O ODOR DA ÍNDIA

PIER PAOLO
PASOLINI



COORDENADOR DA COLEÇÃO

António Araújo

TRADUÇÃO DE

Carlos Aboim de Brito





★
NOVA
DELI

• Agra

• Benares

ÍNDIA

• Calcutá

• Ajanta

• Bombaim

• Cochim



loais da narrativa

ÍNDICE



Prefácio ♦ 11
(António Araújo)

I ♦ 21

II ♦ 35

III ♦ 47

IV ♦ 69

V ♦ 87

VI ♦ 103

PEQUENO PASSEIO A AJANTA ♦ 123

CARTA DE BENARES ♦ 133

Apêndice

Em torno de *O Odor da Índia* ♦ 141

PREFÁCIO



António Araújo

(O autor não segue as regras do novo Acordo Ortográfico)

Um dia, ao passear pelas suas terras, um marajá das Índias viu umas crias de tigre a morrerem de fome. Condoeu-se muito, rezou pelos tigrinhos e, com piedosa indiferença, ofereceu-lhes o seu corpo para que se alimentassem dele. Anos depois, morto o marajá, a viúva e os seus filhos foram forçados a abandonar o palácio e a procurar sustento por onde calhasse. Numa jornada árdua, e a um ritmo preciso, obsessivo, os filhos do marajá foram morrendo de fome, um a um, sem que ninguém os ajudasse e lhes desse de comer, sem que houvesse uma só alma com um pingo de generosidade idêntica àquela que, anos atrás, levava um opulento marajá das Índias a oferecer o seu corpo para saciar a fome de uns tigrinhos moribundos.

Pier Paolo Pasolini inspirou-se nesta antiga lenda para escrever o guião de *Appunti per un film sull'India*, um

documentário que realizou durante uma das suas viagens ao país, entre Dezembro de 1967 e Janeiro de 1968. Como o título indica, trata-se de um «filme sobre um filme», alternando imagens de lugares e pessoas com uma narrativa em que a lenda do marajá surge como fio condutor, pois Pasolini entendia que essa história era uma metáfora perfeita da rapidíssima transição sofrida pela sociedade indiana, a qual, num lapso de poucos anos, passara de um tempo milenar e arcaico para a época da industrialização e do progresso.

Visitara a Índia pela primeira vez entre Dezembro de 1960 e Janeiro de 1961, na companhia de Elsa Morante e de Alberto Moravia. Escreveu então uma série de artigos para o jornal *Il giorno*, que mais tarde compilará no presente livro, *O Odor da Índia*. Moravia, por seu turno, fez reportagens para *Il corriere della sera*, depois dadas à estampa em *Un'idea dell'India*, por cá publicado em 2017, com tradução de Margarida Periquito, numa excelente colecção de livros de viagens dirigida por Carlos Vaz Marques (*Uma ideia da Índia*, Tinta-da-china). Numa entrevista concedida a Renzo Paris, Moravia dirá algo que hoje constitui um lugar-comum dito por todos quantos visitam a Índia: o país surpreendera-o, acima de tudo, pelo cheiro omnipresente, pelo despertar do mais básico e mais animalesco dos sentidos humanos, o olfacto, ponto que confirmava, disse, o «neo-primitivismo» do seu companheiro de jornada, autor de um livro intitulado precisamente *O Odor da Índia*.

«Neo-primitivismo», «nova pré-história», «mito da barbárie» ou «marxismo da barbárie» são tópicos que percorrem vários lugares da obra e do ideário de Pasolini, e

que as viagens à Índia e a outros países do Terceiro Mundo reiteravam *in loco*, o mesmo se dizendo da sua convicção segundo a qual, pese óbvias diferenças geográficas e civilizacionais, a condição do sub-proletariado era idêntica em todo o planeta, existindo, pois, aquilo que designou por «sub-proletariado intercontinental», uma fraternidade ou irmandade universal e comum àquilo que, noutro contexto, Fanon denominaria «os condenados da Terra». Não seriam assim diferentes, segundo ele, o destino de um rapazinho indiano, Sundar, e o de um menino pobre da Calábria que demanda Roma em busca de uma vida melhor, nem o perfil dos edifícios de Bombaim e os do bairro romano de Parioli. A analogia prossegue noutros momentos, quando Pasolini compara os subúrbios de Roma e de Nova Deli, ou quando diz que os indianos e os napolitanos partilham da mesma atitude resignada e passiva ante os azares do destino.

A todos eles o autor de *O Odor da Índia* estende a sua compaixão, a sua *pietà*, virtude antiga que considerava corrompida e em declínio no mundo industrial moderno. Exalta, no fundo, a virtude que levava o marajá a entregar-se aos tigres, mas que o novo e nosso tempo perdera, como o mostrava o triste fim dos seus filhos, expulsos do palácio, tombados de fome sem que alguém os ajudasse. Como notou Silvia Mazzini, num ensaio que dedicou a Pasolini e à Índia¹, o seu *cinema di poesia* procurará, na medida do

¹ Cf. Silvia Mazzini, «Pasolini and India. De- and re-construction of a myth», in Luca Di Blasi, Manuele Gagnolati e Christopher F. E. Holzhey (eds.), *The Scandal of Self-Contradiction: Pasolini's Multistable Subjectivities, Geographies, Traditions*, Viena, Turia + Kant, 2012, pp. 135-150.

possível, resgatar de uma perda certa os vestígios que restavam de um tempo antigo, mitificado, porventura mais imaginário do que real: por um lado, registrando figuras, situações e palavras de outrora; por outro, conservando-as através de imagens perenes, arquivadas para a posteridade. Italo Calvino iria acusar Pasolini como um nostálgico da velha, burguesa e conservadora «Italieta», ao que ele respondeu que a tradição que procurava salvaguardar não era coisa fixa no passado, impossível de mudar, antes uma realidade aberta e plural, passível de múltiplas transformações, nomeadamente através de uma visão «internacionalista», digamos assim, que evidenciasse que, em todos os tempos e em todos os lugares, os excluídos tiveram a mesma sorte, numa comunidade de destino que os irmanava, mesmo não possuindo consciência disso. Para eles, para os humilhados e ofendidos, o passado não fora uma «idade do ouro» (*età dell'oro*), de modo algum, antes uma «idade do pão» (*età del pane*), na qual tinham de garantir a sua sobrevivência e o acesso a bens essenciais, ao *panem nostrum quotidianum*, nem que fosse sob a forma do «pão selvagem», que Piero Camporesi estudaria anos depois.

Questão que permanece em aberto, naturalmente, é a de saber se a industrialização e a modernidade não contribuíram, no fim de contas, para ultrapassar as agruras maiores da «idade do pão», se não para toda a Humanidade, ao menos para uma sua parcela substancial, feita de milhões de famintos. É certo que, com os novos tempos, ocorreu também uma expansão desmesurada do supérfluo e, como dizia Pasolini, «os bens supérfluos tornam a vida supérflua». Ainda assim, o autor de *O Odor da Índia*, numa das suas

muitas contradições, não dá resposta satisfatória ao problema decorrente da necessidade de alimentar milhões de seres humanos e de preservar, em simultâneo, a *pietà* evangélica dos tempos antigos —, a qual, por muito compassiva que fosse, não evitou que gerações de pobres tivessem de lutar pelo pão diário, muitas vezes sem sucesso.

A tensão entre «pré-história» e modernidade é, porventura, o traço mais característico da Índia, na época em que Pasolini a visitou: um país imenso, então muito em voga, destino de intelectuais e filhos-família do Ocidente, fascinados pelas promessas de desenvolvimento humano anunciadas no pós-independência, mas, em simultâneo, pelos exemplos pré-modernos de Gandhi, do *yoga* e do transcendentalismo, das filosofias milenaristas. Essa tensão emerge claramente em *O Odor da Índia*, desde logo nas descrições dos ritos fúnebres nas margens do Ganges, que Pasolini filmará anos mais tarde em *Appunti per un film sull'India*, mas também noutras obras suas, como na representação de Cristo feita em *Il Vangelo secondo Matteo*, de 1964, na qual Jesus tanto surge nas vestes de um leal seguidor da tradição, como nas de um agitador subversivo das estruturas e instituições do seu tempo. Essa tensão avulta também em *Uccelacci e uccellini*, filme de 1966, em que São Francisco de Assis e a sua mensagem são transferidos para um cenário contemporâneo, os arrabaldes de Roma.

Não é diferente, pois, a atracção de Pier Paolo Pasolini pelo submundo urbano, presente em filmes como *Accattone*, de 1961, ou em livros como *Uma Vida Violenta*, de 1959, e o seu deslumbramento pela Índia. Por certo, Pasolini terá

intuído que a ambiguidade entre o antigo e o moderno, mesmo que comportando insanáveis contradições, lhe permitia um objectivo maior: superar os rígidos cânones do marxismo e, ainda assim, permanecer ligado à luta em prol dos marginais e dos excluídos, dos párias que existem em todas as épocas e em todos os pontos do globo. Daí a sua pulsão peregrina, que o fez viajar ao Sudão e ao Quênia, em 1962, ao Gana e à Nigéria, em 1963, à Jordânia e a Israel. Em 1970, regressaria a África, para rodar *Appunti per un'Orestiade africana*. Parecia ter encontrado um destino, ou uma via de salvação.

Uma coisa era certa: para ele, a solução dos males do mundo jamais estaria nas sociedades capitalistas e de consumo da contemporaneidade. Daí as cenas da coprofagia em *Saló*, alusão metafórica à ingestão de alimentos processados; daí a sua crítica acerba ao poder estupidificante da televisão; daí a sua qualificação do consumismo ocidental como «neofascismo»; daí o seu eterno fascínio pelos malditos e marginais de todos os «sistemas». Mitificou o *tiers-monde*, como tantos da sua época, e, depois de visitar o bairro de Harlem, em Nova Iorque, afirmaria que «o fulcro da revolução do Terceiro Mundo está na América», o que contrariava por certo as ambições liderantes de africanos ou asiáticos. Em 1959, apelara a que o PCI se transformasse no verdadeiro «partido dos pobres, o partido do proletariado lúmpen», mas, com o passar dos anos, desiludir-se-ia com os comunistas, acabando, em 1968, por namorar a esquerda libertária do Partido Radical, da qual também se distanciaria mais tarde. Entretanto, foi à Índia, uma vez e outra. A primeira de todas, como Moravia

e Morante, em finais de 1960, inícios de 61. O que por lá viu e sentiu encontra-se no presente livro, *O Odor da Índia*, testemunho olfactivo, político, espiritual e estético, sobretudo vivencial. Sigamo-lo, pois.

I

Penoso estado de excitação
à chegada. A Porta da Índia.

Panorama, naturalmente
fantasmagórico, de Bombaim.

Uma enorme multidão vestida
com toalhas. Moravia vai para a cama:

a minha exibição de intrepidez
ao aventurar-me na noite indiana.

A doçura de Sardar e de Sundar.

É quase meia-noite, o Taj Mahal tem o aspeto de um mercado a fechar. O grande hotel, um dos mais conhecidos do mundo, furado de um lado a outro por corredores e salões altíssimos (parece girar dentro de um enorme instrumento musical), só está cheio de *boys* vestidos de branco, e de porteiros com turbante de gala, que esperam a passagem de táxis suspeitos. Não é o momento, oh, não é o momento de ir dormir, naqueles quartos grandes como dormitórios, cheios de móveis de um melancólico século dezanove retardatário, com ventiladores que parecem helicópteros.

São as primeiras horas da minha presença na Índia e eu não sei dominar o animal sedento fechado dentro de mim, como numa jaula. Persuado Moravia a dar pelo menos dois passos fora do hotel e respirar um pouco de ar da primeira noite indiana.

Afinal saímos, para a estreita marginal que corre por detrás do hotel, através da saída secundária. O mar está pacífico, não dá sinal de presença. Ao longo do parapeito que o delimita, estão automóveis estacionados e, perto deles, aqueles seres fabulosos, sem raízes, sem sentido, prenhes de significados dúbios e inquietantes, dotados de um poderoso fascínio, que são os primeiros indianos de uma experiência que pretende ser exclusiva como a minha.

São todos mendigos, ou aquele tipo de pessoas que vivem nas margens de um grande hotel, experientes da sua vida mecânica e secreta: têm um pano branco que lhes cobre as ancas, um outro pano sobre as costas, e, alguns deles, um outro pano a envolver a cabeça: são quase todos escuros de pele, como negros, alguns negríssimos.

Há um grupo sob as arcadas do Taj Mahal, junto ao mar, juvenzinhos e meninos: um deles está mutilado, com os membros com ar corroído, e está deitado envolvido nos seus panos, não como diante de um hotel, mas de uma igreja. Os outros esperam, silenciosos, prontos.

Não percebo ainda qual é a sua função, a sua esperança. Lanço-lhes apenas um olhar furtivo, conversando com Moravia, que já esteve aqui há vinte e quatro anos e conhece suficientemente o mundo para não estar no estado penoso em que me encontro.

No mar não há uma luz, um rumor: aqui estamos quase na ponta de uma longa península, de um corno da baía que forma o porto de Bombaim: o porto está ao fundo. Sob a pequena muralha estão apenas grandes embarcações, poucas e vazias. A algumas dezenas de metros, contra o mar e o céu de verão, ergue-se a Porta da Índia.

É uma espécie de arco de triunfo, com quatro grandes portas góticas, num estilo *liberty* bastante severo: a sua mole desenha-se na orla do Oceano Índico, como que unindo-o, visivelmente, com o interior, que, imediatamente ali, é uma praça redonda, com pequenos jardins sombrios, e construções, todas grandes, florais, e um pouco excessivas como o Taj Mahal, de uma cor térrea e artificial, no meio das poucas luzes imóveis na paz do verão profundo.

Também nas margens desta grande porta simbólica, outras figuras da imprensa europeia do século dezassete: pequenos indianos, com as ancas envolvidas num pano branco e, nos rostos morenos como a noite, o círculo do estreito turbante de pano. Só que, vistos de perto, estes panos estão sujos, de uma sordidez triste e natural, muito prosaica, em relação às sugestões figurativas de uma época na qual, de resto, permaneceram. Continuam a ser jovens mendigos, ou gente que se desembaraça, ficando até à noite nos lugares que, provavelmente, são o centro da sua atividade durante o dia. Olham-nos de soslaio, a mim e a Moravia, desinteressando-se de nós: o seu olhar inexpressivo não deve ver em nós nada de prometededor. Pelo contrário, quase se fecham em si mesmos, caminhando com ar cansado, ao longo do parapeito acastanhado.

* * *

CHEGAMOS ASSIM JUNTO DA PORTA DA ÍNDIA, que, de perto, é maior do que parece ao longe. As portas

em ogiva, os muros perfurados, daquele material amarelado e inexpressivo, erguem-se sobre as nossas cabeças com a solenidade de certos átrios das estações nórdicas. Mas, no interior, na penumbra do arco, ouve-se um canto: são duas, três vozes que cantam em conjunto, fortes, contínuas, entusiasmadas.

O tom, o significado, a simplicidade são os de um qualquer canto de jovens que se pode ouvir em Itália ou na Europa: mas estes são indianos, a melodia é indiana. Parece que é a primeira vez que alguém canta no mundo. Para mim: que sinto a vida de um outro continente como uma outra vida, sem relações com aquela que eu conheço, quase autónoma, com outras leis internas, virgens.

Parece-me que ouvir aquele canto de rapazes de Bombaim, debaixo da Porta da Índia, se reveste de um significado inefável e cúmplice: uma revelação, uma conversão da vida. Só me resta deixá-los cantar, procurando espíá-los da esquina de mármore fingido da grande porta gótica: estão deitados no pavimento despido, sob o manto escuro da abóbada em ogiva e à rala luz leitosa que vem da praça junto ao mar. Cobertos por panos brancos, em torno das ancas, e com aquelas cabeças negras, não se reconhece a idade. O seu canto é completamente sem alegria, segue uma única frase musical sem sonoridade e angustiante.

É como se tudo se precipitasse neste momento de paz intensa e suja. A nossa chegada a Bombaim do alto: montículos lamacentos, avermelhados, cadavéricos, entre pequenos paludes, esverdeados, e um mar infinito de casebres ruinosos, armazéns, miserandos bairros novos: pareciam as vísceras de um animal esquartejado, espalhadas ao longo do

mar, e, sobre estas vísceras, centenas de milhares de pequenas pedras preciosas, verdes, amarelas, brancas que brilhavam delicadamente; os primeiros bagageiros que chegaram junto da barriga do avião: negros como demónios, cobertos por uma túnica vermelha; as primeiras caras indianas mal saímos do aeroporto, os taxistas, os rapazes seus ajudantes, vestidos como antigos gregos; e a corrida, como uma fissura através da cidade.

Uma hora de carro, ao longo de uma periferia infinita, totalmente constituída por pequenas barracas, montões de pequenas lojas, sombras de *banjan* sobre casinhas indianas com esquinas arredondadas e totalmente perfuradas como móveis velhos, filtrando a luz, cruzamentos apinhados de gente descalça, vestida como na Bíblia, elétricos vermelhos e amarelos de dois andares; prédios modernos, rapidamente envelhecidos pela humidade tropical, entre jardins lamacentos e casas de madeira, azuladas, esverdeadas, ou simplesmente corroídas pela humidade e pelo sol, com camadas infinitas de gente, e um mar de luzes como se por toda a parte naquela cidade de seis milhões de habitantes houvesse festa; e depois o centro, sinistro e novo, a Malabar Hill, com os seus prédios residenciais dignos do Parioli², entre os velhos bungalows e a longuíssima marginal, com uma série de globos de luz que se infiltrava na água a perder de vista...

E as vacas pelas ruas: que andavam misturadas com a multidão, que se acocoravam por entre os acocorados, que deambulavam por entre os deambuladores, que paravam entre os parados: pobres vacas com a pelagem enlameada,

² Parioli é o segundo bairro de Roma. (N. de T.)

obscenamente magras, algumas pequenas como cães, devoradas pelo jejum, com o olho eternamente atraído por objetos destinados a uma eterna desilusão. Era quase noite, e elas acocoravam-se nos cruzamentos, sob uns semáforos, diante dos portões de alguns tumultuosos edifícios públicos, montões negros e cinzentos de fome e desfalecimento.

* * *

MESMO COM O TURBILHÃO EM REDOR, A VIDA TINHA o ritmo lento daqueles pobres animais: era necessário ver a paciência com que as pessoas esperavam os autocarros nas paragens: faziam uma fila com uma disciplina com que suíços e alemães nem sonhavam: sem se chegarem uns aos outros, isolados, concentrados. Alguns estavam vestidos quase à europeia, com calças brancas compridas até aos tornozelos, mal postas, e uma camiseta branca; outros, e eram os mais numerosos, estavam vestidos com uma espécie de lençol entre as pernas, cheio de grandes nós sobre a barriga, com as barrigas das pernas, negras, deixadas completamente a descoberto atrás; e, sobre este lençol, ou uma camisa, ou um casaco europeu, e na cabeça o habitual pano enrolado. Outros estavam vestidos com compridas calças brancas de forma árabe, com uma túnica branca por cima, transparente; outros ainda vestiam uns *shorts*, muito compridos, dos quais saíam como badalos de sino as pernas negras secas, e por cima, até quase cobrir completamente os calções, a camisa flutuante. As mulheres estavam todas com o sari, envolvidas;

e os saris de várias cores, desde os simples, uns panos, aos litúrgicos, panos tecidos com o antigo requinte artesão.

Esta enorme multidão vestida praticamente de toalhas exalava um sentido de miséria, de indizível indigência, parecia que todos tinham escapado simplesmente a um terramoto, e, felizes por terem sobrevivido, se contentavam com os poucos panos com que tinham fugido das miserandas camas destruídas, dos ínfimos casebres.

Agora ali estão eles, dois destes escapados, a cantar juntos debaixo da Porta da Índia, à espera da hora do sono, na quente noite de verão.

No interior daquela vida, de que só guardo na retina um primeiro decalque da superfície exterior, cantam uma canção (para eles velha e familiar, e para mim pura novidade) para a qual eu remeto a incumbência de exprimir algo de inexprimível, e que só os dias futuros que me esperam aqui, a partir de amanhã, poderão desafogar e equilibrar.

Mas nesse momento Moravia decide que chegou a hora de estar cansado e, com o seu maravilhoso higienismo, vira-se, e regressa decidido ao Taj Mahal. Mas eu não. Eu, enquanto não estou esgotado (pouco poupado como sou), não desarmo.

Aventuro-me sozinho a vaguear mais um pouco. Caminho rumo aos jardins sombrios, perto dos extensos edifícios, ao fundo da praça junto ao mar. À direita há um grande prédio de terracota, de estilo novecentista com alusões ao gosto indiano, à esquerda um outro hotel com arcadas em frente; e um posto de gasolina; e um largo com um semáforo, e depois, mais adiante, após uma curva, uma imensa praça oval, toda rodeada por palmeiras, pálidas à

luz leitosa e impura da Lua. Uma paisagem de postal exótico oitocentista, de tapeçaria da Porta Portese³. No imenso largo oval, ainda deambula alguém, com os seus panos brancos.

Uns jovens estão a jogar em silêncio com clavas; outros estão acorados, com os joelhos à altura do rosto, e os braços suspensos apoiados nos joelhos. Ainda passam alguns táxis, a noite está quente e vazia, como nos lugares de férias no pico do verão.

Regresso rumo ao hotel. Diante de um edifício, agora apagado, que é simultaneamente um cinema e um local de encontro, o Regal, um rapaz aproxima-se de mim, com os seus *shorts* compridos como sotainas e a camisa suja por cima. Dá-me a entender que está disposto a oferecer-me qualquer coisa: sobretudo arranjar-me álcool, porque em Bombaim é proibido; e depois, naturalmente, outra coisa. Crê que sou um marinheiro desembarcado de um navio. Dou-lhe uma rupia, e afasto-me: estou intimidado, não entendendo nada sobre aquele personagem.

Outros seus semelhantes estão nas proximidades, nos passeios quentes e repletos de uma poeira seca e velha, junto dos edifícios cadavéricos. Olham para mim mas não me falam, seguem a sua vida.

* * *

³ Porta Portese é um antigo portão da cidade de Roma, localizado no final da Via Portuense, precisamente no local onde ela se encontra com a Via Porta Portese, perto das margens do rio Tibre. (N. de T.)

EM FRENTE DO HOTEL COM AS ARCADAS, ESTÁ UM grande grupo, amontoado no chão, na poeira: membros, panos e sombras confundem-se. Ao verem-me passar, dois, três levantam-se, e vêm atrás de mim, como que à espera. Então eu paro e sorrio, incerto.

Um negro, franzino, com um delicado rosto ariano e um enorme tufo de cabelos negros, cumprimenta-me, aproxima-se de mim, descalço, com os seus panos em cima, um entre as pernas, outro sobre os ombros; atrás dele, surge um outro, negro, este brilhante, com a grande boca negroide acima da qual emerge a penugem escura da adolescência: mas quando sorri, flameja no fundo do rosto negro uma candura imaculada: um *flash*, interior, um vento, uma labareda, que arrebata ao estrato negro o estrato branco que é o seu sorriso interior.

O primeiro chama-se Sundar, o segundo Sardar, um é muçulmano, o outro hindu. Sundar vem de Hyderabad, onde tem a família; procura a sorte em Bombaim, como um rapaz da Calábria pode ir para Roma: para uma cidade onde não tem ninguém, onde não tem casa e deve desembaraçar-se para dormir onde calha, para comer quando pode. Tossica, com o pequeno tórax de pássaro: talvez seja tísico. A religião maometana dá ao seu rosto doce e franzino um certo ar de tímida astúcia, enquanto o outro, Sardar, é todo doçura e submissão: hindu até ao fundo.

Também ele vem do distante Andra, a região de Madras, também ele sem família, sem casa, sem nada.

Os outros, os seus amigos, ficaram para trás, na sombra da porta secundária do hotel. Mas agora vejo-os movimentarem-se, em silêncio. Estão à volta de um grande pacote que abrem no passeio poeirento.

Pergunto a Sardar e a Sundar o que estão a fazer: comem o *pudding*, os restos dos jantares do hotel. Comem em silêncio, como cães, mas sem se disputarem, com o bom senso e a doçura dos hindus.

Sardar e Sundar olham para eles, como eu, com um sorriso que quer dizer que eles também fazem isso, e que, se eu não estivesse ali, também eles estariam a comer aquelas sobras naquele momento. Em vez disso, vamos dar uma volta nas imediações.

As ruas já estão desertas, perdidas no seu poirento, seco e sujo silêncio. Têm algo de grandioso e ao mesmo tempo de miserável: é a parte central, moderna, da cidade, mas a corrosão das pedras, dos batentes das janelas, das madeiras é de uma aldeia velha.

Quase todas as casas, a cair, têm na fachada um pequeno alpendre: e aqui... encontro-me diante de um dos factos mais impressionantes da Índia.

Todos os alpendres, todos os passeios regurgitam de gente a dormir. Estão deitados no chão, encostados às colunas, aos muros, às grades das portas. Os seus panos cobrem-nos completamente, com uma camada de sujidade. O seu sono é tão profundo que parecem mortos envolvidos por sudários rasgados e fétidos.

São jovens, rapazes, velhos, mulheres com os seus filhos. Dormem encolhidos ou deitados de costas, às centenas. Alguns ainda estão acordados, especialmente os rapazes: param de vaguear ou falam baixo sentados à porta de alguma loja fechada, nos degraus de alguma casa. Alguns estão a estender-se naquele momento, e tapam-se com os seus lençóis, cobrindo a cabeça. Toda a rua está repleta do

seu silêncio: e o seu sono é semelhante à morte, mas a uma morte, por sua vez, doce como o sono.

Sardar e Sundar observam-nos com o mesmo sorriso com que viam os seus amigos a devorar os restos dos *puddings*: também eles dormirão assim em breve.

Acompanham-me até ao Taj Mahal. Ali está a Porta da Índia, junto do mar. O canto cessou: os dois rapazes que cantavam, agora, certamente, estão a dormir no pavimento despido, nos seus panos. Um pouco do que eu queria saber sobre o seu canto, já o sei. Uma miséria horrenda.

Sardar e Sundar despedem-se de mim com simpatia, com o seu sorriso de uma brancura solar no fundo das suas caras escuras. Não esperavam que eu lhes desse algumas rupias: por isso, aceitam-nas cheios de uma alegre surpresa, e Sardar aperta-me a mão e beija-ma, dizendo-me: «*You are a good sir*».

Deixo-os, comovido como um parvo. Algo já começou.